

# A ESCRITA DE SI E A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NOS MANUSCRITOS DE MARIA LEOFRISIO, A PIPOQUEIRA DE ARARANGUÁ (SC)

■ MARCOS AURELIO DA SILVA PEREIRA

 <https://orcid.org/0000-0002-2722-3787>

Universidade do Extremo Sul Catarinense

■ GLADIR DA SILVA CABRAL

 <https://orcid.org/0000-0001-9695-9504>

Universidade do Extremo Sul Catarinense

## RESUMO

Este artigo apresenta a análise da escrita de si e a construção identitária nos manuscritos autobiográficos de Maria Leofrisio, a pipoqueira de Araranguá (SC). Metodologicamente, caracteriza-se como pesquisa documental, qualitativa e de história de vida. O mecanismo construído para análise dos manuscritos foi desenvolvido através dos principais conceitos dos estudos culturais e autobiográficos: a subjetividade como consciência e cuidado de si; a identidade como sendo fragmentada e construída por meio da narrativa. Ao adentrarmos os textos autobiográficos de Maria Leofrisio, podemos compreender como a pipoqueira constrói sua identidade a partir da sua escrita e que estratégias textuais utiliza, ou seja, como edita sua narrativa de modo a significar sua vida.

**Palavras-chave:** Maria pipoqueira. Identidade. Autobiografia. Escrita de si.

## ABSTRACT

### THE WRITING OF THE SELF AND IDENTITY CONSTRUCTION IN THE MANUSCRIPTS BY MARIA LEOFRISIO, THE POPCORN SELLER FROM ARARANGUÁ (SC)

This article presents an analysis of the writing of the self and the construction of identity in the manuscripts by Maria Leofrisio, the popcorn seller from Araranguá (SC). In terms of methodology, this is a documental, qualitative research centered on the history of life of Maria Leofrisio. The theoretical references used are taken from cultural studies, autobiography studies and focus on: subjectivity as consciousness and care of the self; identity as being fragmented

and structured through narrative. By studying Maria Leofrisio's autobiographic writings we can understand how the popcorn seller has built her identity through the exercise of writing and which textual strategies she has used, that is, how she has edited her narrative in order to make her life meaningful.

**Keywords:** Maria Pipoqueira. Identity. Autobiography. Writing the Self.

## RESUMEN **ESCRITA DE SÍ Y CONSTRUCCIÓN DE IDENTIDAD EN LOS MANUSCRITOS DE MARIA LEOFRISIO, LA PALOMITA DE ARARANGUÁ (SC)**

Este artículo presenta el análisis de la escritura de sí y la construcción de la identidad en los manuscritos autobiográficos de Maria Leofrisio, la palomita de Araranguá (SC). Metodológicamente, se caracteriza por ser una investigación documental, cualitativa y de historia de vida. El mecanismo construido para analizar los manuscritos se desarrolló a través de los principales conceptos de los estudios culturales y autobiográficos: subjetividad como conciencia y autocuidado; la identidad como una experiencia fragmentada y construida a través de la narrativa. Al adentrarnos en los textos autobiográficos de Maria Leofrisio, podemos entender cómo ella construye su identidad a partir de su escritura y qué estrategias textuales utiliza, es decir, cómo edita su narrativa para significar su vida.

**Palabras clave:** Maria Palomita. Identidad. Autobiografía. Escritura de sí.

### Introdução

A inspiração para realizar este trabalho surgiu a partir de uma pesquisa de iniciação científica do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq), realizada ao longo da graduação, que objetivava estudar a autora Carolina Maria de Jesus (1960, 1961) e, com base em suas obras *Quarto de despejo* e *Casa de alvenaria*, compreender o processo de construção identitária da escritora. Tendo esse vínculo com a escrita autobiográfica e a realidade social, fomos apresentados, através de pessoas que conheciam nosso trabalho, às obras da então conhecida Maria Pipoqueira, de Araranguá (SC).

Partimos, inicialmente, para uma pesquisa documental e qualitativa nos manuscritos de Maria Leofrisio, que se encontram atualmente no acervo do arquivo histórico de Araranguá, localizado no Centro Cultural do município, para então conhecer todo o material ali guardado e poder separar o que seria estudado. A partir dos principais conceitos dos estudos autobiográficos e dos estudos culturais, constituímos nosso *corpus* de análise a fim de compreender a construção da identidade nos manuscritos de Maria Leofrisio.

Todo material pertencente ao museu foi fotografado e analisado, constituindo assim um acervo digital. Maria Leofrisio se tornou,

hoje, uma mulher quase esquecida; em vida, foi mais conhecida na cidade de Araranguá como a Maria pipoqueira, pois vendia pipocas em frente ao Colégio Nossa Senhora Mãe dos Homens – atualmente Colégio Murialdo –, e morou por alguns anos em uma sala de aula inativa que foi cedida a ela pelos padres que cuidavam do colégio na época. O presente trabalho busca trazer à luz a obra bibliográfica de Maria Leofrisio, que, mesmo não possuindo escolaridade e sendo alfabetizada precariamente, buscou nas produções de seus livros e manuscritos um meio de lembrar seu passado, entender seu presente e vislumbrar um futuro com algum reconhecimento.

Delimitar o objeto de análise é desafiador quando nos deparamos com um vasto acervo à nossa frente e, refletindo acerca desse desafio e nos concentrando nos objetivos estabelecidos em nosso projeto de pesquisa, decidimos nos ater aos textos autobiográficos que se encontram em um livro produzido manualmente pela escritora e que possui mais de duas mil páginas, intitulado *Primeira parte, História Sem Saudade do passado. Segunda parte só eu e o mar. Terceira parte eu sou teu povo. Maria Leofrisio Urbano Francisco*, reservando os demais materiais – como poemas, canções e receitas culinárias – para pesquisas futuras.

A fim de constituirmos a ferramenta de análise dos materiais selecionados, elaboramos um caminho teórico a seguir. Perpassamos o conceito de história de Walter Benjamin, desenvolvido em seu ensaio “Sobre o conceito de história” (1987, p. 222-232), que privilegia o estudo da história a partir do ponto de vista dos pequenos, dos vencidos e marginalizados. A seguir, adentramos o pensamento de Stuart Hall, que, em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (2015), observa que nossos discursos surgem a partir de contextos sociais e históricos em que as relações existentes são assimétricas e que permitem a construção não

de uma única identidade capaz de definir nossa singularidade, tão complexa, mas de várias identidades contraditórias que pendem para diferentes direções.

Lemos também as transcrições das aulas ministradas por Michel Foucault (2006) no Colège de France, reunidas no livro *A hermenêutica do sujeito* (1981-1982), que, ao trabalhar a origem histórica do conceito de “cuidado de si”, constrói uma reflexão acerca da ação que o indivíduo faz ao buscar guardar em registros sua história, seus pensamentos e anseios. Embora o cuidado de si seja reconhecível entre os gregos, na era clássica, é com a Modernidade que a singularidade do sujeito se acentua, no processo de individualização, e o cuidado de si torna-se uma palavra de ordem.

Ainda com Foucault, por meio do seu texto “O que é um autor?” (1992), compreendemos de que forma a escrita e o autor se relacionam, de modo que, na análise dos “eus” encontrados no texto de Maria Leofrisio, seja possível acessar como se dá o processo de construção da identidade da autora. A seguir, mergulhamos no texto de Pierre Bourdieu, “A ilusão biográfica” (1996), que discute o desenvolvimento histórico do arquivamento de si e a importância dessa ação para a construção da sua própria subjetividade.

A fim de refletir sobre ser, a escrita autobiográfica e as tensões entre realidade e ficcionalidade, buscamos no texto “Autobiografia e ficção” (2014), de Philippe Lejeune, entender a problematização dos limites do pacto autobiográfico e do compromisso assumido com a verdade no ato da escrita, delimitando as fronteiras entre a ficcionalidade e a autobiografia. Embora haja espaço para o uso da imaginação e da criatividade no texto autobiográfico, esse uso está sempre submetido a um vínculo com a existência de quem escreve.

Para enriquecer a reflexão construída até aqui, trazemos também à luz o texto de Phili-

ppe Artières intitulado “Arquivar a própria vida” (1998), correlacionando-o com os demais textos trabalhados até o momento e com as formas que há de arquivamento e documentação da nossa história no cotidiano. Ao arquivar a própria vida, construímos um acervo pessoal único e repleto de fragmentos da nossa identidade.

Após alinhavarmos o campo teórico, partimos para a análise do material, fazendo a leitura minuciosa do material delimitado e respeitando em todo momento a integridade ortográfica do registro, ora identificando-se com uma pluralidade no padrão da língua, ora se constituindo na variedade padrão daquele momento histórico que se distancia deste momento atual, tentando traçar o percurso da formação identitária de Maria Leofrisio através de seus manuscritos.

## A pipoqueira e seu acervo

Seu nome era Maria Leofrisio Urbano Francisco, filha de Leofrisio José Urbano e de Virginia Maria de Jesus. Nasceu no Rio do Cedro, em Urussanga, no dia 14 de agosto de 1925.<sup>1</sup> Morou em muitos lugares, em beira de praia, mata fechada e mina de carvão. Viu na cidade das avenidas, Araranguá, seu descanso em meio a muitas mudanças. Faleceu em 2008, com 83 anos de idade.

Maria Leofrisio foi casada e, ao longo de sua vida, teve cinco filhos, todos adotivos. Dona Maria catava papel e vendia pipoca em frente ao Colégio Nossa Senhora Mãe dos Homens, onde conheceu os padres que cuidavam do colégio na época, tornando-se amiga do Padre João Leonir Dall’Alba, conhecido historiador da nossa região, que lhe cedeu uma sala desativada para morar com seu marido e filho. Alfabetizou-se aos oito anos de idade, com o filho dos patrões de seu pai, que lhe escrevia o ABC

em blocos de barro de olaria e em caquinhos de telhas com carvão, decorando os formatos de cada uma das letras do alfabeto, porém, antes de aprender mais, sua família se mudou. Segundo ela, “isso era o destino do meu pai sempre tinha que cada anos botava o pinico no fueiro e la se, ia” (Acervo digital, p. 28).

Aos 45 anos de idade, em 1970, frequentou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Moblin) por três meses, no qual aprendeu a ler e a escrever, e voltou a seus manuscritos e os reescreveu. Em 1994, aos 69 anos, fez um curso de Datilografia e, com o auxílio da sua professora e da Tutelar da Criança, conseguiu uma máquina de escrever emprestada e datilografou seus manuscritos. Ela também construiu seus livros à mão, e seu maior sonho era publicá-los.

O Padre João Leonir Dall’Alba tinha em mente organizar um livro com produções literárias de moradores da região, pois, segundo ele, era característico da cultura regional a escrita em prosa.<sup>2</sup> Durante sua busca, conheceu as produções da Maria Pipoqueira, então ajudou-a a publicar o primeiro livro, intitulado *História sem saudades do passado*, pela editora Vozes, em 1986.

A obra é uma seleção de algumas histórias manuscritas por Dona Maria Leofrisio, contém 86 páginas, oito capítulos e muitas lembranças. Conforme ela mesma comenta em seus diários, houve alteração do original em relação à forma escrita, pontuação e formatação das palavras e sentenças, quando do processo de editoração e publicação do livro, pois “não e possível publicar o livro na forma original. Era preciso pontuar corrigir Disia o padre, para os amigos escritores. Então eu pedi pa Ele corrigir Mas Até Onde?” (Acervo digital, p. 29).

Após seu primeiro livro, Maria Leofrisio publicou *Borbulhinhas do mar*, em 1999, que foi

<sup>1</sup> Informação obtida na apresentação biográfica da autora do livro *Borbulhinhas do mar*, publicado em 1999.

<sup>2</sup> Informação obtida no prefácio do livro *História sem saudades do passado*, que o Padre ajudou dona Maria Leofrisio a publicar.

uma realização da gráfica Orion Editora e do *Jornaleco* – jornal mensal da cidade de Araranguá. O livro foi organizado e editado por Ricardo Grechi e teve apoio da administração pública da época, com o Colégio Nossa Senhora Mãe dos Homens. Em suas 64 páginas, encontram-se diversos poemas, todos autobiográficos, nos quais ela escreve sobre ser uma escritora falida, sobre seus problemas conjugais, entre outros aspectos da sua vida, sendo sempre sem saudades do passado.

Em 2005, a autora publicou mais um livro de poemas, intitulado *Só eu e o mar*. Nele, dona Maria se apresenta como Maria Leofrisio “a pipoqueira” e, em suas 91 páginas e 95 poemas, fala dos mais diversos assuntos da vida cotidiana, desde sua crença e outras histórias de seu passado a críticas pontuais ao “homem moderno”.

Suas obras se encontram atualmente no acervo do arquivo histórico de Araranguá, localizado no Centro Cultural Artesã Máxima Astrogilda de Souza. O material lá encontrado é composto por livros de poemas, músicas, contos, canções, receitas culinárias, documentos oficiais, recortes de jornais, pequenos papéis de anotações variadas, manuscritos e datilografados, material que foi fotografado, lido e analisado, para então ser separado e reservado seus textos autobiográficos para serem analisados neste trabalho. Trata-se de uma rica contribuição para a literatura regional e para história do município, e pode servir de objeto a diversas pesquisas científicas focadas na linguagem, na formação humana e na construção da memória.

## História, identidade e cuidado de si

Em sua sétima tese do artigo “Sobre o conceito de história”, Walter Benjamin comenta sobre o trabalho dos historiadores, sobretudo os vinculados ao materialismo histórico, recomen-

dando-os, ao pesquisarem e recontarem as narrativas de uma época, que questionem o que a historiografia oficial apresenta, pois segundo o filósofo:

Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso na medida do possível o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo. (BENJAMIN, 1987, p. 3)

Tradicionalmente, a história nunca é contada pelos vencidos, mas pelos que tomam o poder, pelos vencedores. Escovar a história a contrapelo é estudá-la a partir do ponto de vista dos pequenos, dos vencidos, dos marginalizados, que não aparecem em monumentos ou nos livros escolares. De certa forma, é nadar contra a maré num dia de ondas fortes.

Michael Löwy, em seu artigo “‘A contrapelo’. A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940)”, ao comentar sobre as teses de Benjamin, entende a ação de trabalhar a história a contrapelo como a demonstração de que não há possibilidade de desvincular a cultura das questões políticas e sociais, sendo o historicismo um tipo de trabalho mais ligado às classes dominantes. Por isso, Benjamin se posiciona como intelectual anti-historicista:

O momento destruidor: demolição da história universal, eliminação do elemento épico, nenhuma identificação com o vencedor. A história deve ser escovada a contrapelo. A história da cultura como tal é abandonada: ela deve ser integrada à história da luta de classes. (BENJAMIN 1981, p. 1240 *apud* LÖWY, 2011, p. 21).

Ao conhecermos o vasto acervo de Maria Leofrisio Urbano Francisco e traçarmos um caminho para a construção do mecanismo de análise, acabamos por visitar a história local, de certa forma, a contrapelo. Focamos nossa análise nas produções textuais de uma pessoa

pobre que, mesmo possuindo um vasto e rico acervo literário, nunca foi objeto de estudo e o pouco que conquistou em vida parece quase todo esquecido após sua morte.

Entretanto, ao pretendermos analisar a construção indenitária de Maria Leofrisio, precisamos compreender primeiro como o indivíduo elabora a sua identidade. Stuart Hall, em seu livro intitulado *A identidade cultural na pós-modernidade* (2015), apresenta uma série de conceitos sobre a construção da identidade do sujeito pós-moderno, afirmando que o sujeito não possui uma única identidade – não sendo esta inata ao ser humano –, mas é portador de inúmeras identidades, que são, por sua vez, construídas e desconstruídas ao longo da vida.

O autor traz à luz, em seu livro, como se configura essa identidade na pós-modernidade, ou como ele prefere chamar, na modernidade tardia. Inicialmente, Hall apresenta três momentos da história em que foram elaboradas diferentes noções de subjetividade: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. A noção de sujeito do iluminismo é centrada na ideia de um indivíduo racional autônomo. O sujeito tem total controle sobre sua identidade, que o acompanha imutável ao longo de toda sua vida. Por sua vez, a compreensão do sujeito sociológico dá-se pelo reconhecimento das relações sociais e culturais sobre a vida do indivíduo. Sua identidade é fruto dessas relações e é, portanto, influenciada pelo contexto circundante. O sujeito não é mais racionalmente elaborado, mas socialmente constituído. E, por fim, Stuart Hall define o sujeito pós-moderno como “[...] não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (p. 13), pois pode ter identidades distintas em momentos distintos, ou seja, o que há é uma troca de posições identitárias, sem um centro racional unificante, sem uma essência permanente, ou seja, uma celebração móvel.

Ao desenvolver sua exposição, Stuart Hall (2015, p. 65) descreve o processo de fragmentação e descentralização estrutural dentro da sociedade, que é atravessada por identidades de “classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade”. A descentralização e a fragmentação se instalam no interior do sujeito, que antes era visto como portador de uma única identidade centrada na racionalidade do sujeito cartesiano, mas que hoje se fragmenta em inúmeras vozes. Pensar nessas múltiplas identidades dentro de um único sujeito pode causar certo estranhamento e insegurança, em função do deslocamento do eixo da subjetividade. Kobena Mercer afirma que “[...] a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (1990, p. 43 *apud* HALL, 2015, p. 9).

Está ocorrendo um deslocamento social, seja no sentimento de pertencimento nacional, na sexualidade, raça e/ou etnia. Hall ainda observa que “[a] sociedade não é [...] um todo unificado e bem delimitado” (2015, p. 17), ou seja, o indivíduo é portador de múltiplas identidades e há muitas vozes e vontades que estão muitas vezes em aberta contradição. Essas identidades são construídas em meio a relações assimétricas de poder, nascem de discursos que atravessam os sujeitos. Alguns desses traços estão perceptíveis nos escritos autobiográficos de Maria Leofrisio.

Por fim, há que se lembrar o caráter narrativo da identidade, segundo a perspectiva dos Estudos Culturais. A identidade é uma história que o sujeito cria para si a partir de suas relações sociais e históricas. Essa relação não é mecânica, isto é, o sujeito não é mero efeito dos acontecimentos sociais, mas, sem dúvida, ele se constrói numa interação contínua com o que o cerca, com as histórias que houve, com a comunidade em que habita, com sua família, tribo, nação. É justamente esse caráter narrativo que

nos permite capturar, a partir dos textos escritos por Maria Leofrisio, suas várias posições identitárias como mulher, como mãe e como escritora. É também possível observar como o exercício da escrita funciona em sua existência como um instrumento de cuidado de si.

Michel Foucault, em sua aula ministrada no Collège de France entre 1981 e 1982 sobre A hermenêutica do sujeito, de 6 de janeiro de 1982, aborda a relação entre sujeito e verdade, tendo a partir do estudo do cuidado de si (*epimélie heautoû*) a compreensão da construção da verdade do sujeito. Através desse conceito grego, Foucault desenvolve sua aula, apresentando de que formas o cuidado de si se caracteriza na prática cotidiana do sujeito, da ação do sujeito consigo, visto que “[...] é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados contigo mesmo” (FOUCAULT, 2006, p. 7). Como ilustração, Foucault cita o exemplo de Sócrates, que se considerava uma figura enviada pelos deuses para incitar os atenienses a terem cuidado de si. Dizia ele aos seus concidadãos: “ocupa-vos com tantas coisas, com vossa fortuna, com vossa reputação, não vos ocupais com vós mesmos” (p. 4).

O famoso conselho clássico “conhece-te a ti mesmo” recebeu, segundo Foucault, interpretação equivocada ao longo dos séculos. Originalmente, a expressão não aponta para um conhecimento meramente intelectual sobre si mesmo. A frase que estava inscrita no portal do templo de Delfos parece indicar uma regra-ritual que deveria ser lembrada pelo visitante, por aquele que se aproximava da divindade em busca de um oráculo. As advertências eram três: 1) “nada em demasia”, ou seja, “tu que vens consular não coloques questões demais, não coloques senão questões úteis, reduzi ao necessário as questões que queres colocar” (2006, p. 32); 2) não faças promessas que não podes cumprir; 3) “examina bem em ti

mesmo as questões que tens a colocar” (p. 33). Nesse caso, a ideia do “conhece-te a ti mesmo” tem muito mais a ver com cuidado de si do que apenas conhecimento de si.

Para Foucault, o cuidado de si pode estar ligado à noção de ascese (*áskesis*), que, apesar de suas conotações espirituais, pode ter um sentido mais filosófico do que religioso, pois esse movimento:

[...] é o que permite fazer de si mesmo o sujeito destes discursos verdadeiros, é o que permite fazer de si mesmo o sujeito que diz a verdade [...]. Enfim, creio que podemos antecipar o seguinte: a ascese filosófica, a ascese da prática de si na época helenística e romana tem essencialmente por sentido e função assegurar o que chamarei” de subjetivação do discurso verdadeiro. Ela faz com que eu mesmo possa sustentar este discurso verdadeiro, ela faz com que me torne o sujeito de enunciação do discurso verdadeiro, ao passo que a ascese cristã, por sua vez, terá sem dúvida uma função completamente diferente: função, é claro, de renúncia a si. (FOUCAULT, 2006, p. 296)

Ou seja, é a ação central que acarreta o cuidado de si. Nascimento (2013, s/p), em seu artigo sobre a “Ascese da Hermenêutica do sujeito de Foucault”, comenta que “[...] seria o que impele, isto é, o que permite adquirir os discursos verdadeiros”. Tendo como referência a noção de *epimélie heautoû*, encontramos, em um breve contato com os manuscritos de Maria Leofrisio, esse cuidado revelado no trato com suas lembranças, na narrativa de suas experiências de vida, na reflexão sobre sua própria vida, um processo nada nostálgico, visto que marcado pela não saudade do seu passado.

## Autoria, autobiografia e subjetividade

No texto intitulado “O que é um autor?”, Foucault nos apresenta um estudo do processo histórico de desenvolvimento do conceito

de autor e a relação do autor com sua obra. Historicamente, o autor não era visto como sujeito ativo e produtor do texto, dado que a individualidade ainda não era uma concepção desenvolvida como haveria de ser na Modernidade. Tudo era vivido coletivamente, e o sujeito ainda não era centro de total autonomia. Segundo Foucault (1992, p. 33), “[a] noção de autor constitui o momento forte da individualização na história dos ideais”. A noção de autoria nasce com a ideia de responsabilidade do autor pelo que ali escrito está. Nasce também com a noção de propriedade do texto. Se há um autor, ele se torna responsável pelas coisas por ele escritas.

Após tratar do desaparecimento e reaparecimento do sujeito autor, Foucault adentra as questões de uso e referência pelo nome do autor, agrupando textos – verbais ou não – sob uma responsabilidade. Isto é o autor não está ligado a apenas um texto, mas torna-se o fio condutor de vários textos, de uma complexa obra. Ele faz determinar como esses textos são lidos, o que os caracteriza, a vinculação que têm entre si. A função autor determina a leitura e a significação de um texto. Foucault traz um mecanismo de análise com quatro características centrais para “analisar a função autor” (1992, p. 46), que para ele são:

[...] objectos de apropriação; a forma de propriedade de que levam é de tipo bastante particular; está codificada desde há anos. Importa realçar que esta propriedade foi historicamente segunda em relação ao que poderíamos chamar a apropriação penal. Os textos, os livros, os discursos começaram efectivamente a ter autores [...] na medida em que o autor se tornou passível de ser punido. (FOUCAULT, 1992, p. 47).

A primeira característica do autor relaciona-se com a sua ação transgressora ao realizar suas produções textuais. A segunda é o fato de o texto não ser mais aceito socialmente sem autoria. A terceira característica, sabendo que

a função autor não é dotada de características generalizáveis e padronizadas que partem da necessidade do leitor da atualidade saber quem é o autor, responsável pelo texto, pois: “os discursos ‘literários’ já não podem ser recebidos se não forem dotados da função autor: perguntar-se-á a qualquer texto de poesia ou de ficção de onde é que veio, quem o escreveu, em que data, em que circunstâncias” (FOUCAULT, 1992, p. 49). Sob a quarta característica, encontra-se a gama de signos presentes no texto e que apontam para a figura autoral. No romance, por exemplo, encontra-se a figura do narrador, que parece apontar para uma entidade outra, uma imagem de autor, que nem é o autor fictício nem é o autor real, mas algo entre os dois, pois segundo Foucault, “[d]e facto, todos os discursos que são providos da função autor comportam esta pluralidade de ‘eus’” (p. 55), ou seja, o sujeito autor pode se encontrar em várias posições entre o locutor fictício e o escritor real. Mesmo destacando essas características, Foucault afirma saber que não são as únicas e tampouco se encontram em sua totalidade em todos os textos.

Poderíamos analisar todo o acervo de Maria Leofrisio, partindo isoladamente para a estrutura de seu texto, a construção de sentido de suas sentenças, ou outras tantas análises que poderíamos fazer. Ela é autora de uma série de textos que compõem o seu acervo. Essa função de autora ajuda a organizar o acervo e a demarcar limites entre o que é sua obra e o que não é. Trazer para a constituição do corpo teórico a reflexão dos meios pelos quais se constituem um autor e de que forma ele se apresenta implícito ou explícito no discurso faz com que tenhamos a compreensão de como Maria Leofrisio assume a autoria por meio de seus textos.

No texto “A ilusão biográfica”, Pierre Bourdieu começa narrando o reaparecimento da história de vida, que segundo ele “[...] é uma



dessas noções do senso comum que entram como contrabando no universo científico” (1998, p. 183). Bourdieu diz ainda que:

o fato de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto: a noção sartriana de ‘projeto original’ somente coloca de modo explícito o que está implícito nos ‘já’, ‘desde então’, ‘desde pequeno’ etc. das biografias comuns ou nos ‘sempre’ (‘sempre gostei de música’) das ‘histórias de vida’. (BOURDIEU, 1998, p. 184)

Ou seja, a vida é um emaranhado de experiências e histórias concretas e que se tornam uma grande unidade na junção de suas subjetividades que se encontram objetivadas nas expressões escolhidas pela autoria, as quais levam a um sujeito.

Segundo Bourdieu, “[...] o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva” (1998, p. 184), das ocorrências que marcam a vida humana. Sendo assim, o narrador se encontra na necessidade de relatar um acontecimento, esforçando-se por construir um sentido, tornando a narrativa a mais clara e objetiva possível para o leitor. Por sua vez, o biógrafo “[...] só pode ser levado a aceitar essa criação artificial de sentido” (BOURDIEU, 1998, p. 185).

Bourdieu, após falar sobre a necessidade natural do sujeito pela construção de sentido, traz para o centro do seu discurso a construção social do nome próprio, sendo objeto centralizador da identidade e responsabilidade inerente ao discurso biográfico/autobiográfico.

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um ‘sujeito’ cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão

de um trajeto no metro sem levar em conta a estrutura da rede. (BOURDIEU, 1998, p. 189).

Não há como escrever, ler e estudar uma obra biográfica ou autobiográfica sem conseguir relacioná-la a um sujeito, sem conseguir traçar sua relação com o ambiente e relações construídos durante a narração.

Maria Leofrisio, ao escrever sobre sua vida, mesmo não tendo a compreensão técnica que estamos aqui desenvolvendo, construiu seu acervo dentro de uma linearidade, desenvolvendo suas histórias de vida na preocupação de organizar fragmentos de sua história de forma compreensível ao leitor, construindo uma significação.

Philippe Lejeune, professor e ensaísta francês, publicou no Brasil o livro intitulado *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*, e no capítulo chamado “Autobiografia e ficção”, ele inicialmente instiga o leitor com a seguinte indagação: “[c]omo se pode ainda, no século da psicanálise, acreditar que o sujeito seja capaz de dizer a verdade sobre si mesmo?” (LEJEUNE, 2014, p. 103). O ato de julgar se determinado discurso autobiográfico é verdadeiro ou não é característico da sociedade moderna.

Como pesquisadores, ao nos depararmos com materiais como o de Maria Leofrisio, fazemos instantaneamente esse questionamento, mas segundo Lejeune (2014, p. 104) “[o] fato de a identidade individual, na escrita como na vida, passar pela narrativa não significa de modo algum que ela seja uma ficção. Ao me colocar por escrito, apenas prolongo aquele trabalho de criação de ‘identidade narrativa’”. O sujeito coloca ali escrita a sua verdade, aquilo que ele considera seu, como sendo verdadeiro a partir do seu ponto de vista, embora se reconheça que não há uma verdade absoluta, ainda mais em se tratando da subjetividade de cada indivíduo.

Quem escreve uma biografia ou autobiografia deve assumir, implícita ou explicitamen-

te, um pacto com a verdade, o pacto autobiográfico; assim como quem escreve um romance assume um pacto ficcional. Aparentemente, o trabalho de reescrita, correção, ajustamento que o escritor executa gera um estigma em relação à escrita autobiográfica, mas Lejeune (2014, p. 104) diz que essa ação funciona apenas como ato de estilística do texto, e que “[s] e a identidade é um imaginário, a autobiografia que corresponde a esse imaginário está ao lado desta verdade”.

Para um texto ser considerado autobiográfico, Lejeune entende que há que se ter uma espécie de pacto, explícito ou não, com o sujeito que escreve se apresentando como autor, personagem e narrador, estando ali como sujeito vivo da história, ou ainda como exemplificou Lejeune, ao falar sobre uma senhora, que ao final de uma de suas palestras lhe entregou um livro, dizendo tratar-se de uma autobiografia que tinha escrito, assumindo-se como autora, narradora e personagem representados no livro. Essa declaração autobiográfica também pode ser implícita no texto, acampando os escritores autobiográficos em outros gêneros textuais, pois segundo Lejeune (2014, p. 108) “[e]ssa zona mista é muito frequentada, muito viva e sem dúvida, como todos os locais de mestiçagem, muito propícia à criação”.

Os críticos do trabalho de Lejeune em geral o acusam de ainda crer ingenuamente na possibilidade de o sujeito acessar uma verdade e de ignorar o caráter ficcional da própria escrita em si. Nesse caso, toda autobiografia seria um tipo de ficção ingênua ou hipócrita, pois “não há uma verdade externa e anterior ao texto” (LEJEUNE, 2014, p. 120). Ele responde argumentando que a promessa de dizer a verdade está presente e é a base de todas as relações sociais. Quem fala ou escreve faz implicitamente essa promessa. Embora não se alcance a verdade absoluta, permanece nos seres humanos o desejo de alcançar a verdade

real, cotidiana, sem a qual a comunicação e a relação social tornam-se impossíveis. Lejeune não ignora o caráter ficcional do texto autobiográfico, mas lembra que mesmo quem diz que não há verdade, é em nome de uma verdade que o faz.

Philippe Artières, em seu artigo intitulado “Arquivar a própria vida” (1998), aborda os motivos e as formas que encontramos para registrar acontecimentos de nossas vidas, pois “[t]emos assim que manter nossas vidas bem organizadas, pôr o preto no branco, sem mentir, sem pular páginas nem deixar lacunas” (p. 3). Nesse processo de agrupamento, organização e reorganização, a cada vez que voltamos para visitar nossas lembranças, vamos construindo e estilizando nosso passado e compreendendo nossa atualidade.

O processo de o sujeito arquivar sua vida tem inúmeras formas e encaminhamentos, podendo ser por meio da escrita do diário, exercendo nele a construção de sentido, buscando a reflexão sobre sua vida, a cada dia, semana, mês que passou, selecionando alguns papéis importantes e guardando-os, registrando momentos do seu dia, fotografando, ou por meio da escrita autobiográfica, cujo método, assim como no diário, não se encontra em um único formato de texto, mas vai variar conforme a vontade do indivíduo. Para Artières (1998, p. 3), o indivíduo estiliza os relatos conforme o sentido que ele quer que sua vida tenha e, mesmo assim, não deixa de documentar ali sua verdade, sendo a ação de arquivamento a “[...] prática de construção de si mesmo e de resistência”. No entanto, mais do que indício de liberdade, o arquivamento da vida é forma de controle social.

Artières, ao adentrar no que chama de injunção social, fala como a escrita de si era vista ao longo da história, iniciando por Victor Hugo, em 1880, quando entregou seus manuscritos à Biblioteca Nacional para estudo.

Ele observa a crescente valorização da escrita em nossa sociedade, na qual “[...] para existir, é preciso inscrever-se: inscrever-se nos registros civis, nas fichas médicas, escolares, bancárias” (1998, p. 5), sendo o arquivamento do nosso dia a dia tão comum permeando nossas ações.

Para exemplificar as práticas de arquivamento, Artières faz a análise dos arquivos de Émile Nougier, criminoso do século XIX. Atendendo-se aos diários e textos autobiográficos, ao iniciar a análise, o estudioso nota que:

[...] o diarista, tendo pulado uma página por engano, utilizá-la depois e desorganizar a ordem cronológica; desenhos, contas e rascunhos de correspondências se misturam por vezes às entradas, a capa serve eventualmente de suporte para a escrita. A ocupação da página é em geral compacta, não favorecendo a leitura; o tamanho das letras e a densidade das palavras na página variam segundo os cadernos. (ARTIÈRES, 1998, p. 14).

Destoando dos textos autobiográficos do sujeito analisado, que se encontrava “coberto com uma letra regular; o autor fez um esforço evidente de paginação, apropriando-se notadamente dos sinais tradicionais dos livros (notas de pé de página, título, capítulo, parágrafo)” (ARTIÈRES, 1998, p. 14).

Fazer essa distinção na estrutura encontrada nos auxilia na análise, mas precisamos saber também que “[s]empre arquivamos as nossas vidas em função de um futuro leitor autorizado ou não” (ARTIÈRES, 1998, p. 29), ou seja, o diário também terá um receptor – poderei escrever me direcionando ao eu do futuro, por exemplo –, assim como no texto autobiográfico.

No registro diário, o sujeito coloca os eventos vivenciados e refletidos em uma ordem cronológica, partindo de registros frequentes, a fim de “[...] construir um destino para si mesmo, e de mostrar a perfeita coerência da própria existência em vista dos episódios que a

compõem” (ARTIÈRES, 1998, p. 25). Por sua vez, na produção autobiográfica, o sujeito “escolhe se colocar em cena num diálogo” (p. 24), estilizando e indo “de um discurso pessoal [...] para uma declaração generalizante” (p. 25).

Por fim, o autor conclui que a identidade de um sujeito se constitui pela junção, organização e compreensão de sua subjetividade (fragmentos), colocando-se frente a frente consigo nesse processo que conseqüentemente se dá por meio da resistência em manter sua existência viva, mesmo vivendo em meio a uma sociedade intensa e efêmera. E esse processo se dá não somente para a sociedade branca e privilegiada, mas constitui-se em “uma prática plural e incessante” (p. 29).

A subjetividade, segundo Bourdieu (1996), é a junção de conceitos que o indivíduo possui dele mesmo. Por sua vez, para Foucault (2006), o sujeito vai desenvolver a sua subjetividade pelo cuidado de si, pela autorreflexão, construindo assim a sua verdade, a sua significação em relação à vida. Esse exercício se encontra expresso, segundo Lejeune (2014), na escrita autobiográfica, não havendo uma verdade absoluta, mas tão somente a intenção da verdade posicionada pelo sujeito dentro de um ponto de vista, de um local social e temporal.

Para Artières (1998), a identidade é a junção dos fragmentos identitários do sujeito, constituindo sua subjetividade, que se encontra arquivada de alguma forma. No caso deste trabalho, lidaremos com o arquivamento escrito. Hall (2015) mostra de que forma a identidade é construída, deslocando-se e descentralizando-se constantemente, estando de certo modo influenciada e expressada em nossa sociedade moderna e tardia pelo modo como o sujeito se expressa em sua sexualidade, etnia, raça, e sua posição enquanto indivíduo integrante de uma sociedade em constante mudança e baseada nas relações de poderes que cercam esse sujeito.

Ao analisar os arquivos do prisioneiro Nouguier, Artières observa como podemos conduzir a análise autobiográfica, partindo da forma que ela se encontra em texto, “[...] escreve espontaneamente a história da sua vida na primeira pessoa do singular, sem usar nenhum artifício narrativo” (1998, p. 24), mas também pode aparecer em diálogo, seja com si próprio ou falando com o leitor, que no caso do prisioneiro analisado pelo estudioso “escolhe se colocar em cena num diálogo imaginário com um passarinho” (p. 24). E justificando que esse ato de “arquivar a própria vida é querer testemunhar” (p. 25). Testemunhar aquilo que viveu, que sentiu, que concluiu, enfim, mostrar-se ao leitor do futuro, inscrevendo-se na história do mundo.

Sabendo que a subjetividade é a junção de conceitos desenvolvidos pelo indivíduo de si mesmo a partir do cuidado de si, e que a identidade em sua unidade é fragmentada e que, ao construir e organizar a sua subjetividade em texto, o sujeito desenvolve sua identidade, partiremos para os textos autobiográficos de Maria Leofrisio, que possuem como características o diálogo do autor com o leitor, discursando, narrando sua vida em seu cotidiano por meio de sua leitura de mundo e de si mesma, por meio de histórias que para o autor são tão importantes que precisam ser arquivadas. Ao analisarmos tais textos, buscaremos compreender como Maria Leofrisio constrói sua identidade a partir da sua escrita, que estratégias textuais utiliza, como edita sua narrativa de modo a significar sua vida.

## Análise da escrita autobiográfica de Maria Leofrisio

Maria Leofrisio Urbano Francisco produziu inúmeros poemas, músicas, charadas, receitas, peças teatrais, sempre relacionados com algo que viveu no passado ou no presente, tecen-

do um diálogo seja com o leitor ou com Deus. Em grande parte do final de suas produções, Maria Leofrisio escreve: “e por isso eu fis esta poesia que traz o título amante da natureza” (p. 323|04); ou também “épor isso que eu vou convidar vocês para paciar comigo pelo nosso istado vamos paciar comigo!” (p. 256|04).

Maria Leofrisio se descreve como “[h]iscritoura poetisa, sofredoura trapeira pipoqueira mulher deFÉ Confiante no seu Deus” (p. 34|01). Ao recontar suas histórias de vida, a autora as revive. Ao escrever sua história, desenvolve um cuidado muito intenso de si mesma e, na sua escrita, constrói sua identidade, centralizando-se na compreensão de si enquanto pobre, miserável, sujeito sofrido, muito religiosa, tendo a escrita como forma de registrar seu legado, constituindo assim a sua subjetividade. Percebe-se claramente o quanto a escrita funcionou em sua vida como exercício do cuidado de si, nos termos expressos anteriormente por Foucault. Em seus cadernos, muito semelhantemente aos antigos *hypomnemas* dos gregos (FOUCAULT, 2006), Maria registra suas lembranças, recompila recortes de textos e imagens religiosas, registra suas canções e tece suas reflexões sobre a vida.

Em sua escrita, o pacto autobiográfico se realiza implicitamente, o que Lejeune prevê como sendo possível. Maria Leofrisio é autora, narradora e personagem principal de sua própria história. Bem no início de sua narrativa, ela revela preocupação em garantir a autenticidade do seu texto por meio da citação das palavras do seu editor, o padre João Leonir Dal’Alba: “O texto é de D. Maria disse o padre. Partimos com a Ideia de respeitar estes seus escritos”. Maria se vê e se inscreve como autora e dona do seu texto, apesar do trabalho de edição quando da publicação do seu primeiro livro. O pacto também se evidencia no início da sua narrativa quando ela se apresenta de forma poética: “Mechamam de pipoqueira /

Ma s meu nome verdadeira / E maria Leofrisio Urbano”. Como se vê, os erros de digitação se misturam à desconformidade à norma padrão e revelam mais cruamente o tipo de escritora que Maria é, em processo, aprendendo, lutando com as ferramentas da linguagem e tentando superar as constrações de quem vive à margem da cidade.

Maria Leofrisio foi alfabetizada com oito anos de idade e começou a escrever com 39 anos. Aos 45, voltou a frequentar os bancos escolares, participando do projeto Mobral. A partir de então, voltou aos seus escritos e os reescreveu:

Eu escrevi estas pagginas quando apenas A prndi o A C B. E não sabendo juntar as letras Fui escrevendo tudo Errado que so eu era quem entendia, Ecom isso eu escrevi des de 64 Ate quando eu comecei o meu diário, tudo errado, e desde 1964 ate 1970: quando chegou o mobral. E foi ai que eu frequentei três meses o mobrar, e deu para que eu aprendesse osuficiente para Trascrever o Meus taõ sonhados livros segundo os meus pocos conhecimentos, mas muinto valiozos. (p. 26|01)

Em nosso trabalho de pesquisa, fizemos questão de manter a grafia original, conforme encontramos no texto, sem qualquer tipo de edição ou correção. Entendemos que essa forma incipiente de escrita é intensamente reveladora da personalidade de Maria e de seu esforço para manejar a palavra escrita. Sua escrita espontânea caracteriza seu trabalho como literatura *naif*, não profissional, sem formação acadêmica e sem a pretensão de se confundir com a literatura de prestígio acadêmico ou literário. Isso não importa para Maria Leofrisio, que comenta com certo humor: “Graças a Deus eu hoje sou uma escritoura meio falida mas os meus livros estão aí”. E não se pense que ela é ingênua quanto ao fazer literário. Ela tem plena consciência de sua evolução na escrita, desde sua precária alfabetização na infância

por meio de uma bola de barro de olaria, o início de seus escritos em 1964 até os anos posteriores, em que sua obra foi sendo inúmeras vezes corrigida e transcrita. É na perspectiva dos humildes, dos vencidos, dos falidos, dos esquecidos, que ela reconstrói sua história, contra a correnteza, a contrapelo. Ela mesma vai revisando seu texto original, fazendo correções e acréscimos à caneta. Além do mais, Mari Leofrisio conhece os recursos literários: a metáfora, o jogo de palavras, a ambiguidade, o humor, a ironia, a metrificacão, a sensibilidade poética e musical, a arte do verso, a habilidade narrativa. Sua autobiografia está entremeada de inúmeros poemas e letras de canções, outra arte que ela também dominava.

Nesse processo, apagando e acrescentando novas informações a seus escritos, Maria Leofrisio vai ao seu passado e volta, cuidando de si mesma, construindo sua subjetividade e organizando sua identidade numa linearidade, mesmo que em momentos possa parecer controversa. Por ser um processo de escrita livre e espontânea, o texto apresenta fatos conectados com algumas reflexões pessoais, oscilando entre esses dois movimentos: ora reflexão, ora fato vivido.

Mas acabei sendo uma pobre aingnorante. Que agora depos de velha ainda vive sonhando em aprender aler Gracinha né? e querer escrever um livro como este odeixando letras para trás E fasendo erros de todo quanto é tnh. mais não desiste, e vai afrntr, se Deus quiser e acin a gente ia vivendoPobre mas com muito amor. (p. 62|01)

A necessidade que Maria Leofrisio tem de escrever é muito forte. Conta sua história, escreve uma canção ou poema: essa é a forma que tem para registrar seu dia a dia: “Eu gosto de anotar os acontecimentos do dia” (p. 94|01), num processo de arquivamento e registro nos termos anteriormente explicados por Artière e Bourdieu. A escritora fala muito das tristezas

que a madrasta vida lhe trouxera: “o qu estou contando não e pra algem ter pena de mim não! mas sim para resar pormi que mede força para que eu leve este fardo taõ pesado a te o fim” (91|01). Escrever é uma forma de reorganizar os fatos para melhor compreender os sentimentos gerados por esses fatos, e Maria Leofrisio utilizou-se dessa ferramenta. Compreendia também que escrever é uma forma de se inscrever na história, e a melhor forma de deixar sua herança.

e eu não pare de escrever o meus poemas , que isso e minha riqueza que eu tenho pra deichar para os meus filhos e amigos que gostarem de ler e cantar as minhas musicar que eu vou deixar neste livro. para a nossa Joventude que estaõ se criando . e que umdia vaõ ler [...] minhas Historia Que eu escrevi com o Ispirito de Deus. (p. 26|01)

Maria produzia seus textos com o intuito de publicar um livro, como um meio de pedir ajuda, caso alguém os lesse saberia de suas necessidades e poderia lhe ajudar. Há, por exemplo, este estranho fragmento de texto escrito em reverso, de frente para trás, no qual a autora solicita atenção e socorro:

suem sodurqei secneaugnararA ;ejo ivlozer erevrcsE atse aneuqep Anhitrac arap ridep amu aduja arp cêcov ossep ueq Megla em eduja ranimret a anhim asac suem sogima o ueq eu oreuq eotinium idippcoo sam arap mim es amrof otinium . rop que o meu oiralas oneuqep e ue aj outse alhev ed siam arap ralhabart. E es ragehC o enrêvme atsen saca mês oziip oã ise o uqares ed mim!<sup>3</sup>. (p. 4|02)

A escritora reconhece a autoria de seus escritos de forma explícita ao assumir a responsabilidade por tudo ali escrito, produzindo

3 Lê-se: “Meus queridos amigos araranguaenses, hoje resolvi escrever esta pequena cartinha para pedir uma ajuda pra você peço que alguém me ajude terminar a minha casa meus amigos o que eu quero muito idippcoo(?) mas para mim se foram muito por que o meu salario pequeno e eu já estou velha de mais para trabalhar e se chegar o enrêvme(?) nesta casa sem piso não sei o que será de mim!”.

do um discurso em primeira pessoa, incluindo elementos textuais utilizados para relacionar a história ali contada diretamente a si: “Aqui não tem coletanias de num um outros livros e tudo aovivo podem crer, porque tudo o que se encontra neste livro E de minha ideia A não ser algumas piadinhas. Porque uma História sem piada não tem graça” (p. 140|02). E seu senso de humor é de fato uma das marcas do seu texto, que, por vezes, é marcado pelo aparecimento inesperado de uma frase como: “É isso ai bicho”. Em sua obra, há evidências claras do chamado pacto autobiográfico, conforme o formulou Lejeune.

Sua religiosidade se encontra presente em seus textos autobiográficos, seja em suas conversas diretas com Deus: “Meu Deus, o que eu te pesso que não mede riqueza mas sim coragem de levar esta minha minha crus ate o fim” (p. 26|01), ou em forças de expressão como “se Deus quiser”, “Pesso a o meu Deus”, “eu escrevi com o Ispirito de Deus”. A fé aqui é algo que o sujeito tem como local seguro em meio às angústias da vida. Seria também essa uma de suas estratégias literárias e de sobrevivência? Sabemos que ela morava de favor numa sala de escola administrada pela Igreja Católica, tinha contato frequente com seminaristas e com o padre que dirigia o educandário na época. Assim, Maria Leofrisio se inscreve como cristã, como alguém temente a Deus, a Nossa Senhora, utiliza palavras como “penitencia – mese-ria”, cita textos bíblicos e preces.

O padre João Leonir Dall’Alba encontra Maria Leofrisio ao lado de sua carroça de pipocas escrevendo e pergunta a ela o que ela está fazendo. Quando ela mostra seus textos, o padre se surpreende e diz:

Por incrível que isso o pareça. Eu estou na frente de um fenômeno, literario que vai merecer muito estudo. Neste tempo, em que tantos En-telectuais se enclinam sobre A pobreza, Quaõ salitar, Beber no pote Autentico Escutar uma

pobre Falando da pobreza , Sentir a arte com a sencibilidade. de um pobre. (p. 34|01).

O comentário do padre faz lembrar de outra grande escritora brasileira: Carolina Maria de Jesus, que publicou seus livros também na década de 1960, um pouco antes de Maria Leofrisio. Naquela época, Carolina estava em ascensão com seus livros *Casa de alvenaria* (1961), e principalmente, *Quarto de despejo* (1960).

Após essa conversa com o padre, Maria Leofrisio começa a se definir também como artista: “Sou uma artista como uma semente que agente guarda dentro de uma vazilha e deicha ali a quela semente e não planta mas com o tempo ela rezolve nacer mesmo sabendo que vai ser sufocada e pode morrer” (p. 29|01). Nesse pequeno fragmento, pode-se perceber como Maria se enxerga e se constrói como artista, como escritora, utilizando inclusive a linguagem metafórica ao comparar-se com uma planta que nasce, mas que corre o risco de ser sufocada. Ser escritor era, para Maria Leofrisio, um ato de resistência e resiliência na vida. Há um otimismo radical na narrativa dela, que sabe que ainda vai nascer, que “está lutando contra a ma sorte e vou nacer já começou o primeiro raminha já apareceu, que foi a primeira edição do meu livrinho”. Sua escrita resistente parece encarnar a arte dos vencidos, dos sem voz, nos termos do entendimento de Walter Benjamin.

Dona Maria assistiu a muitas tragédias em sua vida pessoal, não procurava culpados, mas se questionava pela ausência do Estado em relação ao pobre: “E a justiça oque estão fasendo ? cade a proteçaõ dos governos? Que deicham que tudo se rralem” (p. 106|02). Embora possa parecer chocante seu modo de escrever, transgredindo totalmente a gramática normativa, é admirável seu desejo de expressão e sua luta com a palavra escrita. Ao mesmo tempo, torna-se evidente sua consciência crítica e social.

Não se trata de um ser alienado, preocupado com suas mazelas interiores e seu mundo subjetivo, mas de um ser humano em busca de conhecer seu lugar no mundo e posicionar-se perante a realidade.

Ela tem consciência de sua classe social e da precariedade de sua condição humana: “Agente pobre nace e crece esmagado debaixo dos Rico emorre sem poder falar” (p. 40|01), mas não se limita a essa classe. Ela também fala do sofrimento das jovens pobres, das mulheres que são alvo do assédio de seus patrões e senhores. Maria sofre muito e compreende esse sentimento e o transforma em palavras, poemas, músicas.

Nacida pobre Mal casada . os filhos nacendo e morrendo e deste geito Foram 2ofilhos que naceran e apenas uma esta vivendo, momentos, de inaudita,dramaticidade. Sofrendo a vida toda.vivendo pobre e a inda com um marido Alcoolatra com problemas mental, que sua vida foi sempre uma miserável pobreza [...] eu vivo nesta pobreza mas so de coizas materiais mas riquicima, de coizas interior, de inteligencia de amor de coragem. (p. 40|01)

Assim Maria Leofrisio começa seu relato. Essa é sua apresentação, suas primeiras palavras no texto. Reverberando os ensinamentos ouvidos na Igreja Católica, maria entende a vida como uma trilha de sofrimento, um “levar esta minha crus”, na qual a literatura tem o significado de um bálsamo, de um oásis no deserto, e ao mesmo tempo de uma oportunidade de se comunicar com as próximas gerações. Até mesmo o título de sua obra autobiográfica chama a atenção pelo seu paradoxo: “História sem saudade do Passado”. Ao mesmo tempo em que deseja fazer o exercício de lembrar o passado, ela afirma fazê-lo sem saudade, provavelmente em razão de suas tantas lutas, frustrações, pobreza, miséria. Aqui, mais uma vez, cumpre-se um propósito benjaminiano de visitar o passado a contrapelo, a partir

da perspectiva dos vendidos, dos que estão à margem. “Por que de um ter demais e outro sem nada. Isso sempre foi sempre vaiser. Agente pobre nasce e cresce esmagado debaixo dos Rico e morre. Sem poder falar...” (4b). Nota-se que, quando se refere aos ricos, Maria utiliza a letra maiúscula, quando se refere aos pobres, minúscula. Ela quer que o texto seja plenamente expressivo dessa desigualdade social.

Maria Leofrisio viveu em muitos lugares, e, ao adentrar as histórias de suas mudanças, utiliza a seguinte expressão bem-humorada: “Coitado do pinico La sevai de novo profueiro” (p. 80|01). Para ela, mudar-se é algo corriqueiro, assim como saber da transitoriedade de todas as coisas, sua finitude, pois sempre que relatava momentos bons de sua vida dizia: “Mas outra tragedia estava se aprximando de mim” (p. 88|01). Esse sentimento de tristeza e angústia acompanha Maria em seus relatos, é o sentimento do trágico, do fado, da vida sinalizada pelo sofrimento.

sempre sonhei que a tal da felicidade exestice. A quilo que nestes 50 anos, de casada numca encontrei [...] Ou sera que eu não fui capas de entender? O que é felicidade? [...] Sera que dentro de algumas Horas eu não fui felis? Fui sim! [...] Mas gosto muinto de De escrever As minhas poesias e Histórias que e só isso que me fas viver, E escrever o Simbolo do meu silencio. (p. 54|03A).

Confirmando o que expressa Stuart Hall (2015), a identidade é construída discursivamente e narrativamente. Ao contar sua história, o indivíduo se coloca no mundo, constrói-se como sujeito de linguagem.

Em alguns momentos, a escrita funciona para Maria como instrumento tranquilizador, em outros momentos, como meio de compreender seus sentimentos e acontecimentos, e até mesmo como intervenção. Ao escrever, Maria Leofrisio se unifica e se fragmenta, e

seus registros são a junção e constituição de sua identidade. Em seu texto, sua consciência social e política é muito clara: “os percalços. da vidaque impediram o a cesso á A formação cultural. nem por isso deixei de escrever”. Seu texto nasce de uma teimosia radical, uma profunda resistência ao silenciamento e à exclusão. Ela quer soltar a voz, contar ao mundo sua versão da história. E o faz como alguém que ainda está sob as amarras do não saber escrever, as marcas do iletramento. Seu texto testemunha a luta do sujeito por autoexpressão, um sujeito desejoso por cuidar de si e dos seus.

## Considerações finais

Maria Leofrisio escreve seus textos como se estivesse justificando e explicando suas produções, relacionando com algo que viveu no passado, tecendo uma conversa com o leitor, contextualizando todo o significado de seu poema, música, contos, peças teatrais e charadas. Em todo momento, ela se caracteriza como um sujeito que sofreu muito. Segundo seus escritos, mesmo que em sua vida houvesse momentos bons, esses momentos sempre terminariam em alguma tragédia. Encontrou na escrita sua fuga, escreveu para retratar esses momentos tristes de sua vida, mas sempre com pitadas de humor, como meio de ver o lado positivo de todas as suas tristezas.

Nesse processo, Maria Leofrisio desenvolveu notoriamente sua escrita e criatividade, mas também, e principalmente, se constituiu como sujeito no mundo, como artista, poeta, contadora de histórias, pobre de bens materiais, mas rica de muitas outras coisas. Registrar sua vida e dizer quem era foi de extrema importância para si, pois nos cadernos ela encontrou segurança, uma vez que ali não haveria a possibilidade de ter que “colocar o pinico no fueiro e ir embora”. Escrevia e rees-



crevia, contava e recontava sua vida e assim sua formação identitária se desenvolvia.

Em parte, por medo de ser esquecida, escreveu e inscreveu-se como fenômeno da cultura regional. Sua escrita é muito repetitiva, porém sempre que reescreve coloca uma nova informação. Assim, podemos ver que, ao organizar sua vida dentro de um processo linear, ela desenvolve sua subjetividade, constrói sua identidade como mulher de fé, sofrida, escritora e artista.

É importante ressaltar que a análise elaborada neste trabalho ocorreu a partir de uma pequena fração de seus materiais. Desse modo, sua identidade não se esgota aqui, mas de qualquer modo conseguimos compreender como foi o seu processo de escrita e desenvolvimento identitário. O material analisado e os que se encontram em seu acervo sustentam muitas outras pesquisas, esta, além de atingir o propósito de análise, tem por objetivo apresentar o sujeito e material para o meio acadêmico e literário, como fonte de futuras pesquisas.

## Referências

- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-232.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996. p. 183-191.
- FIGUEIREDO, Antônio Macena de; SOUZA, Soraia Riva Goudinho de. **Como elaborar projetos, monografias, dissertações e teses**: da redação científica à apresentação do texto final. 3. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos – estética**: literatura e pintura; música e cinema. Trad. Antônio Fernando Cascais, Eduardo Cordeiro. Rio de Janeiro: Vega, 1992. p. 197-221.
- FRANCISCO, Maria Leofrisio Urbano. **História sem saudades do passado**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- FRANCISCO, Maria Leofrisio Urbano. **Borbulhinhas do Mar**. Araranguá: Orion, 1999.
- FRANCISCO, Maria Leofrisio Urbano. **Só eu e o Mar**. Araranguá: Orion, 2005.
- FRANCISCO, Maria Leofrisio Urbano. **Primeira parte, História Sem Saudade do passado. Segunda parte só eu e o mar. Terceira parte eu sou teu povo**. Araranguá: Museu de Araranguá, s/d. Texto datilografado e manuscrito. s/d.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. 58 p.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favela. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.
- JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria**: volume 1: Osasco. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- LEJEUNE, Philippe. Autobiografia e ficção. In: LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 120-127.
- LÖWY, Michael. “A contrapelo.” A concepção dialética da cultura nas Teses de Walter Benjamin (1940). Trad. Fabio Mascaro Querido. **Revista Lutas Sociais**, São Paulo, n. 25/26, p. 20-28, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/lsv0i25-26.18578>. Acesso em: 30 jul. 2023.
- NASCIMENTO, Rosemberg. Ascese filosófica e espiritual na Hermenêutica do Sujeito de Michel Foucault. **Pensamento Extemporâneo: Filosofia a qual-**

**quer tempo.** Publicado 21 de novembro de 2013.  
Disponível em: <https://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=2535>. Acesso em: 12 set. 2021.

Recebido em: 26/08/2022  
Revisado em: 25/07/2023  
Aprovado em: 29/07/2025  
Publicado em: 03/08/2023

**Marco Aurélio da Silva Pereira** é graduado em Letras – Português pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc). É professor da rede pública do município de Araranguá (SC). Participa do grupo de pesquisa Littera – Correlações entre Cultura, Processamento e Ensino: a Linguagem em Foco. *E-mail:* [pereirascaurelio@gmail.com](mailto:pereirascaurelio@gmail.com)

**Gladir da Silva Cabral** é doutor em Letras – Inglês pela Universidade de Santa Catarina (UFSC). É professor do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc). Participa do Grupo Littera – Correlações entre Cultura, Processamento e Ensino: a Linguagem em Foco. Pesquisa educação, literatura, cultura, identidade cultural e música popular brasileira. *E-mail:* [gla@unesc.net](mailto:gla@unesc.net)